



DINÂMICA DE OCUPAÇÃO, CONTATOS E TROCAS
NO LITORAL DO RIO DE JANEIRO
NO PERÍODO DE 4000 A 2000 ANOS ANTES DO PRESENTE ¹
(Com 5 figuras)

MARIA CRISTINA TENÓRIO ²
DIOGO DE CERQUEIRA PINTO ³
MARISA COUTINHO AFONSO ⁴

RESUMO: Colocam-se em discussão os resultados obtidos no desenvolvimento do projeto “Dinâmica de ocupação, contatos e trocas no litoral do Rio de Janeiro no período de 4000 a 2000 anos antes do presente”, em desenvolvimento no litoral sul (Ilha Grande) e sudeste (Arraial do Cabo) daquele estado. O foco do projeto é a delimitação das unidades culturais, a reconstituição da mobilidade, da dinâmica de ocupação e dos sistemas de trocas existentes no litoral. Os resultados obtidos permitiram que fosse proposto que os grupos que ocuparam a Ilha Grande eram exímios canoieiros e que mantiveram extensa rede de trocas. Nas pesquisas desenvolvidas posteriormente no município de Arraial do Cabo, a cerca de 280km pela linha da costa, foi possível identificar elementos na cultura material que permitiram propor a hipótese de contatos e trocas entre os grupos que ocuparam as áreas estudadas.

Palavras-chave: Arqueologia. Sambaqui. Pescadores. Identidade. Trocas.

ABSTRACT: Dynamics of occupation, contacts, and exchanges at the coast of the State of Rio de Janeiro from 4.000 to 2.000 years before present.

We discuss the results obtained through the project “Dynamics of occupation, contacts and exchanges at the coast of the State of Rio de Janeiro from 4.000 to 2.000 years before present”, held at the southern (Ilha Grande) and southeastern (Arraial do Cabo) coast of that state. The project aims the delimitation of cultural units and also to reconstitute the mobility, dynamics of occupation, and exchange systems that existed at the coast. The results allowed the interpretation that the groups that occupied Ilha Grande, besides being excellent canoeists, kept an extense network of exchanges. Further researches held at the Arraial do Cabo, 280km away by the coastline, allowed the identification of elements in the material culture that provide support that contact and exchanges existed between the groups that occupied the studied areas.

Key words: Archaeology. Shellmound. Fishermen. Identity. Exchanges.

INTRODUÇÃO

Partindo dos resultados obtidos nos 15 anos de pesquisas desenvolvidas na Ilha Grande, litoral sul do Rio de Janeiro, foi possível propor a existência de intensa rede de trocas sendo desenvolvida no litoral a cerca de 3.000 anos antes do presente (TENÓRIO, 2003). Foi também possível propor a existência de locais onde ocorriam eventos que envolviam grande concentração de pessoas, onde provavelmente eram realizadas trocas e rituais.

Como elemento da cultura material utilizado como instrumento estruturador da pesquisa, foram utilizados os amoladores polidores fixos encontrados no litoral brasileiro e com alta concentração na Ilha Grande. Embora ocorram em vários pontos do litoral brasileiro, estão concentrados no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro e na Ilha de Florianópolis. As similaridades encontradas nesses conjuntos permitiram que se trabalhasse com a hipótese de que foram deixados por grupos que compartilhavam uma importante característica cultural (TENÓRIO, 2003).

¹ Submetido em 17 de abril de 2006. Aceito em 28 de março de 2008.

² Museu Nacional/UFRJ. Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Departamento de Antropologia. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ctenorio@domain.com.br

³ Museu Nacional/UFRJ, Departamento de Antropologia. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: falecomdiogo@hotmail.com.

⁴ Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP. Av. Professor Almeida Prado, 1466, Cidade Universitária, 05508-900, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: Marisa@br2001.com.br.

A presença de amoladores polidores fixos no município de Arraial do Cabo, no litoral sudoeste do Estado do Rio de Janeiro, próximos ao sítio Ponta da Cabeça (TENÓRIO *et al.*, 1992), que é contemporâneo ao sítio Ilhote do Leste, permite que seja levantada a hipótese da existência de intenso contato e transmissão cultural no litoral deste estado.

OS AMOLADORES POLIDORES FIXOS

Os amoladores polidores fixos (Fig.1) são testemunhos arqueológicos constituídos por conjuntos de rochas que apresentam sulcos resultantes da ação de polir peças líticas. São encontrados em ilhas, em antigas ilhas isoladas por períodos de transgressão marinha e em pontas; estão quase sempre localizados próximos a cursos d'água doce que desembocam nas praias. São encontrados no Estado de Santa Catarina, na Ilha de Florianópolis e em ilhas adjacentes, conforme referido por TIBURTIUS & BIGARELLA (1953), ROHR (1950/1959/1961/1977/1984), BECK (1971), FOSSARI *et al.* (1987/1988/1989), AMARAL (1995); na ponta das Laranjeiras, por RÜTHSCHILLING & SCHMITZ (1990). No Estado de São Paulo, na Ilha

Comprida, por UCHÔA (1978/79/80); em Picinguaba e na Ilha de Couves, por Amenomoni (com. pes.); no Estado do Rio de Janeiro, na Ilha Grande, por MAGNANINI (1982), GASPAR & TENÓRIO (1990) e TENÓRIO (1992); na Ilha de Marambaia, por MENEZES *et al.* (1999) e KNEIP & OLIVEIRA (2001); no promontório de Cabo Frio, por DIAS JR. (1959); na ponta de Arraial do Cabo, por TENÓRIO (1999). No Estado da Bahia, foi registrado na Ilha de Cajaíba, por CALDERON (1969/1974).

A partir dos resultados obtidos em experimentações (TENÓRIO, 2003), estima-se que, para a formação da totalidade dos sulcos que constituem os amoladores polidores fixos encontrados na Ilha Grande, seria necessária a elaboração de pelo menos 278.952 lâminas de machado. Este número foi alcançado após a realização de experimentações que tiveram por objetivo obter uma estimativa do desgaste provocado na rocha suporte na fabricação de uma lâmina de machado semelhante às encontradas no sítio Ilhote do Leste. Constatou-se que, após serem polidos e afiados os gumes de 11 lâminas elaboradas a partir de seixos, provocou-se um desgaste de apenas 0,155cm no bloco de rocha.

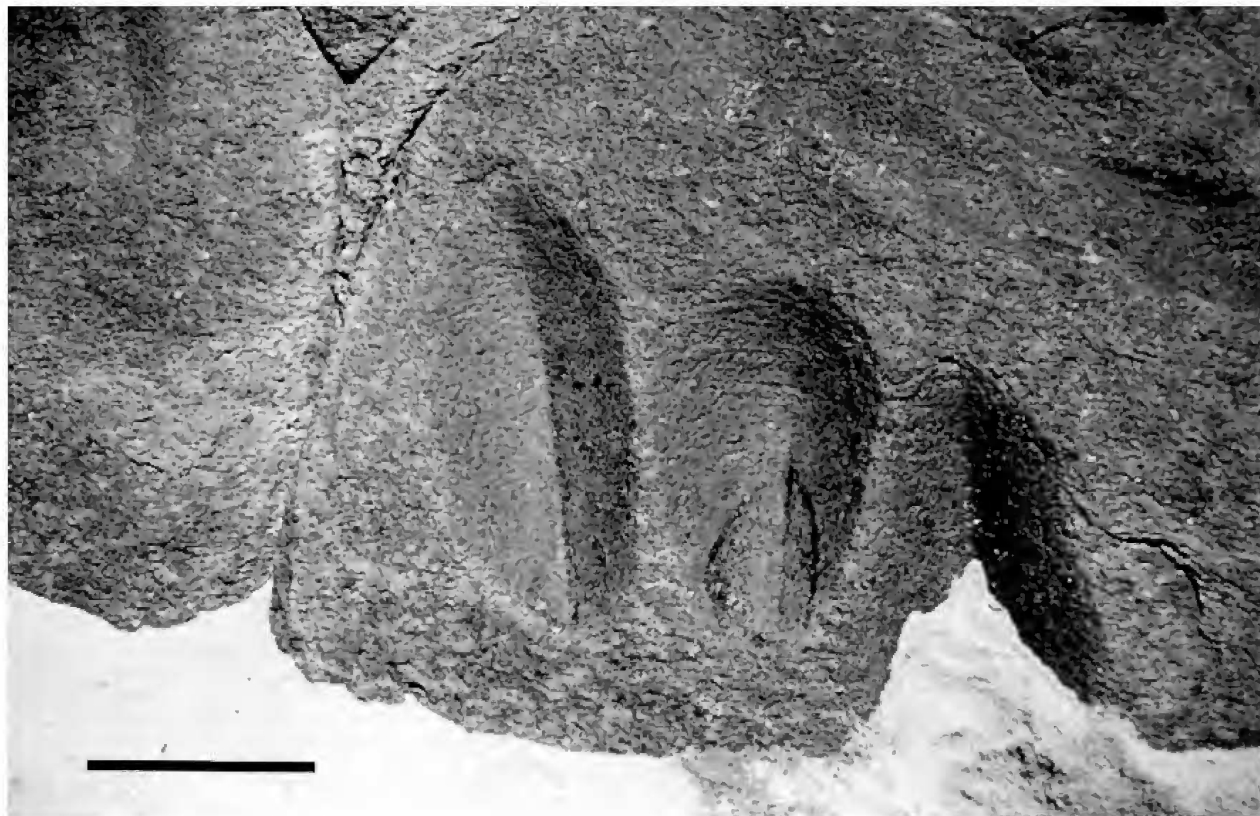


Fig.1- Amoladores-polidores fixos. (Foto: Maria Cristina Tenório). Escala = 20cm.

Como a profundidade média dos 1.154 sulcos existentes na ilha, excluídos os que se encontram atualmente submersos ou enterrados na praia, é de 2,5cm, o resultado final foi o número de lâminas descrito anteriormente. A disparidade entre o número de sulcos e o de lâminas encontradas permitiu que fosse elaborada a hipótese de que poderiam ter sido trocadas por outros itens, o que teria permitido a existência de um sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há pelo menos 3000 anos antes do presente.

Nas escavações do sítio Ilhote do Leste, também localizado na Ilha Grande, foi possível observar, através da reconstituição do processo de formação de suas camadas ocupacionais, uma diferenciação clara entre centro e periferia indicando que as camadas na parte central do sítio teriam se formado mais rapidamente, sugerindo ter havido, neste local, eventos que envolveram concentração de número muito maior de pessoas do que a população habitual estimada para o sítio.

SÍTIO ILHOTE DO LESTE

O sítio Ilhote do Leste está localizado à meia encosta de um morrote do mesmo nome, situado na parte meridional da Ilha Grande, na área delimitada pela Reserva Biológica Praia do Sul (Fig.2). Esse morrote divide as praias do Sul e do Leste. Sua ocupação se deu inicialmente sobre dois “platôs”, estando o mais baixo localizado a 13m e o mais alto a 20m de altura em relação ao nível do mar atual, e ambos situados na parte anterior do morrote. Sua área é de 440m², tendo sido escavados 15% de sua área total.

O sítio está localizado ao lado de um canal por

onde escoam as águas de duas lagoas interligadas e no centro de cinco ecossistemas: restinga, manguezal, laguna, mata de encosta e o litoral rochoso. As datações e dados obtidos indicam que o início da formação do sítio deve ser contemporâneo ao da restinga externa e das lagoas do Sul e do Leste, formadas há cerca de 3.000 anos (AMADOR, 1987/88), devido a um movimento regressivo do mar.

O sítio tem a forma de um semicírculo. O material arqueológico ocorre predominantemente na área central, entre grandes blocos de pedra e na borda do morro. Suas camadas ocupacionais acompanham o declive do morro; são mais espessas nos bordos, sugerindo que o refugio foi empurrado morro abaixo. Na parte plana, as camadas malacológicas apresentam montículos, indicando que as valvas de moluscos, quando não eram empurradas, eram amontoadas. O material arqueológico está concentrado no meio do sítio; apenas o material lítico lascado predomina na área periférica.

O centro do sítio, onde ocorre maior concentração de material, apresenta fogueiras cercadas por seixos que devem ter sido mantidas acesas por dezenas de anos.

É à volta do Ilhote do Leste que está a maior concentração de amoladores-polidores fixos encontrada na Ilha Grande. Eles também estão no costão rochoso que o cerca, indicando que foram feitos numa época em que o mar estava mais baixo, quando a barra dos canais de drenagem ficava mais à frente. As lâminas de machado encontradas no sítio, sempre associadas aos enterramentos, comprovam a relação dos habitantes do sítio com os amoladores polidores fixos (Fig.3).



Fig.2- Sítio Ilhote do Leste. (Foto: Turisrio).



Fig.3- Enterramento com lâmina de machado. (Foto: Maria Dulce Gaspar).

COMPARAÇÃO CENTRO E PERIFERIA

Comparando-se os perfis com os setores, observa-se que as camadas malacológicas aparecem mais nitidamente na beira da encosta, dissipando-se à medida que se segue para dentro dos platôs, voltando a se concentrar em bolsões. Constata-se a existência de uma camada-matriz, caracterizada pela presença de material esparso, interrompida por camadas finas de osso triturado, por fogueiras de longa duração, por bolsões de material ósseo e malacológico, ou por concentrações de restos malacológicos. Isto permite supor que se trate de uma ocupação constante de toda a área do sítio, com a preocupação em manter, durante muito tempo, áreas limpas e fogueiras sempre acesas nos mesmos locais.

As datações obtidas revelam que as camadas foram construídas muito rapidamente. A camada óssea teria se formado em cerca de 100 anos. A diferença de datas entre a amostra coletada debaixo do piso de argila e a retirada do meio da camada de conchas também é de cerca de 150 anos (Fig.4).

A variação observada na morfologia das camadas sugere a ocupação diferenciada no centro e na periferia do sítio. No centro, as camadas são mais espessas e apresentam grandes fogueiras que permaneceram acesas por grandes períodos de

tempo. Na periferia, as camadas são mais finas e apresentam pequenas fogueiras e montes de restos alimentares. A presença de refugos maiores no centro e pequenos na periferia dos montes sugere que estes resultaram da acumulação de dejetos varridos com a intenção de manter áreas limpas, provavelmente relacionadas a unidades domésticas. A presença de um piso com buracos de estaca também pode indicar a intenção da manutenção de áreas limpas ou de espaços especiais.

Áreas estéreis contendo apenas objetos minúsculos, como dentes de cação ou outros adornos, foram interpretadas, segundo proposta de SCHIFFER (1996), como fundos de cabana. Em uma dessas áreas foram encontrados dois enterramentos, que apresentaram o maior número de acompanhamento funerário.

Foram encontrados 30 sepultamentos com 33 esqueletos. Apenas dois são de crianças, mas chama a atenção o grande número de indivíduos com mais de 30 anos.

Foi constatada grande variabilidade no padrão de enterramentos; no entanto, foi observada a repetição de alguns elementos, tais como: o sedimento limpo cercado os membros superiores, a posição fletida, a presença de restos de alimentos sobre eles, a associação com fogueiras, com lâminas de machado,

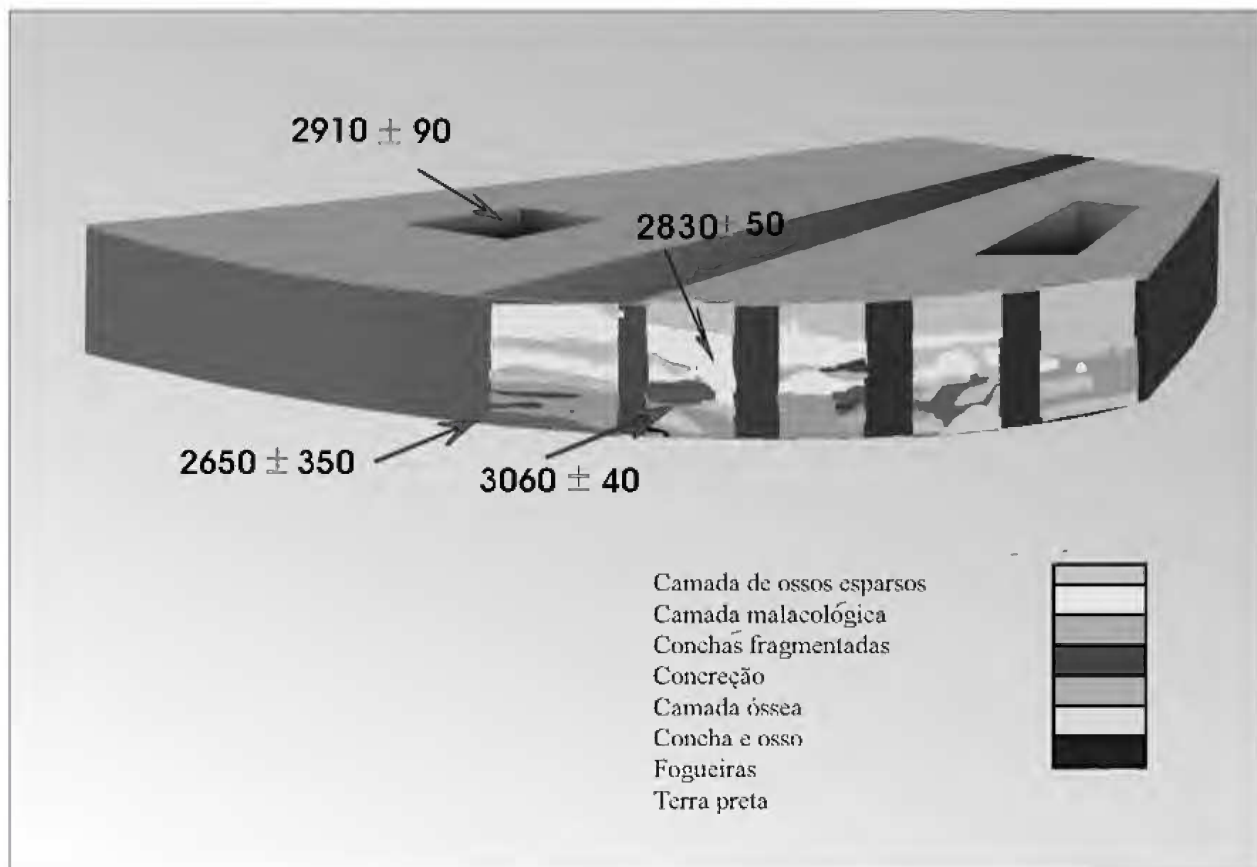


Fig.4- Morfologia das camadas no centro e na periferia do sítio e datações obtidas.

com pedras próximas ao crânio, com as ossadas de mamíferos marinhos e a presença de adornos, como os colares de dentes perfurados de cação, felídeo, canídeo e golfinho. Uma hipótese para explicar a variedade no padrão de enterramento é que o sítio Ilhote do Leste foi construído por indivíduos com laços de consangüinidade unidos por casamentos a outros indivíduos pertencentes a vários grupos.

A cerca de 1500m de praia foi localizado um outro sítio denominado Ponta do Leste.

SÍTIO PONTA DO LESTE

O sítio Ponta do Leste está localizado sobre uma duna de três metros, ao lado de um leito seco de rio, no extremo sul da Praia do Leste.

A única parte preservada do sítio é a parcela da duna cortada pela ação do mar que expôs um perfil, deixando à mostra um enterramento em ótimo estado de preservação. O indivíduo encontrado pertence ao sexo masculino, com mais de 35 anos de idade e 1,60m de estatura. Sua estrutura é menos robusta do que a dos esqueletos encontrados no sítio Ilhote

do Leste e também apresenta patologias ósseas.

As datações obtidas (2880±40 anos AP) e a localização dos amoladores-polidores fixos nos costões relacionados aos sítios Ilhote do Leste e Ponta do Leste indicam contemporaneidade.

O enterramento do indivíduo fora do sítio reforça a hipótese de que a grande variabilidade encontrada nos acompanhamentos e na deposição do morto se deve à presença de indivíduos que carregavam consigo resquícios de diferentes rituais relacionados à sua identidade cultural, o que indica a existência de elementos de diferentes grupos compartilhando o mesmo espaço, provavelmente através de laços matrimoniais. A grande variabilidade de artefatos encontrados no Ilhote do Leste pode sugerir também intenso contato com outros grupos da costa.

A alta incidência de guapuvuru, madeira utilizada para fazer canoas, na Ilha Grande, as lâminas de machado, adicionadas à presença de peixes de águas mais profundas, como os elasmobrânquios de grande porte, e também as inserções musculares apresentadas nos esqueletos encontrados reforçam a hipótese da existência de pequenas embarcações

e de que esses grupos teriam predileção pela ocupação de ilhas, fato alicerçado na localização dos amoladores-polidores fixos.

Apoiado no que foi apresentado, parte-se do princípio de que o sítio Ilhote do Leste foi construído por pescadores, caçadores, coletores, exímios canoieiros que tinham alta mobilidade na costa, com maior fixação na Ilha Grande; não constituíam um grupo grande, mas o fato de elaborarem lâminas de machado lhes oferecia um status especial, que, provavelmente, os incentivava a contatar e realizar trocas com outros grupos que habitavam o litoral do Estado do Rio de Janeiro.

No Estado do Rio de Janeiro, os amoladores polidores fixos aparecem em dois pontos distantes cerca de 280km de litoral: na baía da Ilha Grande e em Arraial do Cabo.

ARRAIAL DO CABO

A região tem a forma de uma pequena península e é cercada por um cordão de 30km de praias arenosas, tendo ao centro um complexo rochoso denominado Morro do Atalaia. Apresenta também formações lacustres, destacando-se a Lagoa de Araruama, onde predominam exuberantes dunas e vegetação própria das restingas (GURGEL, 1992). Apresenta um conjunto arqueológico notável por sua concentração no espaço e pela diversidade dos locais escolhidos para os assentamentos. Foram identificados 21 sítios, sendo que: cinco estão localizados sobre dunas em praias de mar aberto: Sítios Ponta da Cabeça, Colônia de Pesca, Massambaba I, Massambaba II, Massambaba III; três estão em elevações superiores a 50m acima do nível do mar: Sítio do Condomínio da Atalaia, Boqueirão e Usiminas; dois em ilha, sendo que, um sobre dunas e um em elevação superior a 50m: Sítio da Ilha de Cabo Frio e Usiminas (já citado também como sítio localizado acima de 50m); quatro, em abrigos em alturas entre cinco e 20m: Abrigo do Boqueirão, Abrigo sob rocha do Atalaia, Abrigo da Praia dos Anjos, Abrigo da Praia do Forno; cinco localizados em pequenas enseadas: Praia dos Anjos, Praia do Forno I e II, Praia do Pontal e Prainha; e três conjuntos de amoladores-polidores fixos: Amolador do Diogo, Praia Grande I e II.

Os sítios pesquisados apresentam datas que variam de 4200 a 1200 anos AP (ver Tab.1). Desses, apenas os sítios Usiminas e Ponta da Cabeça apresentam período de ocupação concomitante com a ocupação do Ilhote do Leste; no entanto, apenas o sítio Ponta

da Cabeça apresenta evidências tais como lâminas de machado e pontas ósseas elaboradas a partir de espinho de cocoroca (Haemulidae) que permitem propor que os construtores desse sítio seriam os responsáveis pelos amoladores polidores fixos encontrados na praia de Massambaba e que teriam tido contato com os habitantes da Ilha Grande.

SÍTIO PONTA DA CABEÇA

O sítio Ponta da Cabeça está localizado no canto esquerdo da Praia Grande (Massambaba), no topo do morro do Itirinho a 20m de altura, segundo as coordenadas UTM 23 k 0804434 L e 7456368 N. Atualmente, encontra-se totalmente destruído pela ação antrópica. O que restava do sítio foi pesquisado no ano de 1991 (TENÓRIO *et al.*, 1992), através de um trabalho de salvamento apoiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A ocupação do sítio se deu inicialmente no topo do morro, estendendo-se posteriormente sobre uma duna escalonar consolidada e colada ao complexo rochoso (TENÓRIO *et al.*, 2005).

Segundo os resultados de pesquisas recentes coordenadas pelo Prof. João Wagner de Alencar Castro (com.pes., fev. 2006), a restinga externa ainda não havia fechado na época no início da ocupação do sítio, o que daria ao local uma configuração insular.

O sítio, na sua parte mais densa apresenta três camadas de ocupação que totalizam 1,70m de camada arqueológica. A primeira camada é menos densa que as posteriores e é constituída por pequenas fogueiras acesas em reentrâncias do terreno, contendo lascas de quartzo, artefatos ósseos e restos de moluscos; está datada em 3270±70 anos AP.

Na segunda camada de ocupação, as fogueiras são maiores e formam uma contínua camada escura de 40cm de espessura, contendo restos de peixes e moluscos, lascas de quartzo e pontas elaboradas em osso. Nessa camada também foi encontrado o enterramento de uma criança de seis anos, sepultada em decúbito lateral esquerdo. Se houve contato desses grupos com os construtores do Ilhote do Leste, este teria se dado nesse momento, do final da segunda para a terceira camada de ocupação, um momento de aumento da população do sítio. É também neste momento que ocorre maior atenção para o consumo de moluscos, pois até então os grupos responsáveis pela construção do sítio eram quase que essencialmente pescadores.

TABELA 1. Datações relativas aos sítios trabalhados.

SÍTIO	DATAÇÃO TRADICIONAL	DATAÇÃO CALIBRADA	NÍVEL	Nº DO LABORATÓRIO
Ponta da Cabeça	2080±40 AP	2107 a 1884 AP	70-80cm	Gif-11044 ¹
	3270±70 AP	3610 a 3335 AP	160-170cm	Beta-84332
Condomínio do Atalaia	1690±90 AP	1815 a 1375 AP	40-50cm	Beta - 84333
	4190±130 AP	5035 a 4405 AP	90-100cm	Beta - 95597
	4120±110 AP	4865 a 4350 AP	80-90cm	Beta - 95559
Ilhote do Leste	2650±350 AP	3095 a 2320 AP	100-110cm	Beta - 84808
	2830±50 AP	3070 a 2800 AP	80-100cm	Beta - 147283
	2910±90 AP	3323 a 2852 AP	90-100cm	GIF - 8991
	3060±40 AP	3360 a 3160 AP	130-140cm	Beta - 147284
Ponta do Leste	2880±40 AP	3140 a 2880 AP	150cm	Beta - 148615
Usiminas	1503±31 AP	3470 a 3340 AP	40-50cm	^14 CHONO Centre* ²
	1533±31 AP		45-50cm	^14 CHONO Centre*
	3180±40 AP		130-140cm	Beta -205960
Ilha de Cabo Frio	1630±100 AP	1720 a 1300 AP	130-140cm	Beta - 205960
	2219±32 AP		80-90cm	^14 CHONO Centre*
Boqueirão	1623±32 AP		20-30cm	^14 CHONO Centre*

1 Datação fornecida por Rita Scheel-Ybert. 2 * Datações fornecidas por Rodolfo Ângulo.

O início da terceira camada está datado em 2080±40 anos AP (SCHEEL-YBERT, 1998), quando a ocupação teria sido mais intensa, resultando em adensamento da camada arqueológica.

Os moluscos mais consumidos foram a *Astraea* sp., a *Olivancillaria* sp., o *Thaumasthus* sp., o *Megalobulimus* sp. e a *Pinctata* sp., que passa a predominar nos níveis superiores. Da pesca, destacam-se a enxova (Pomatomidae) e o sargo-dente (Sparidae), mas também foram encontrados muitos animais de grande porte, como cações (Lamidae, Carcharhinidae), raias (Dasyatidae) e mamíferos marinhos. O consumo de peixes também aumentou consideravelmente no início do terceiro momento de ocupação. Também foram consumidos ouriços (Echinodermata) e vegetais, estes representados por coquinhos calcinados. Como instrumentos, foram identificados seixos percutores, raspadores, lâminas de machado, além de lascas de quartzo hialino de excelente qualidade.

A indústria óssea está representada por grande quantidade de pontas, dentes perfurados, vértebras trabalhadas e por espátulas. Como matéria-prima para a elaboração das pontas foram preferidos os mamíferos, seguidos das raias e finalmente das aves.

São também encontradas valvas de moluscos apresentando desgaste por uso, trabalhadas e também carapaças perfuradas.

A quarta camada indica um momento de declínio da ocupação; de coloração mais clara, apresenta bolsões de restos malacológicos e são encontrados cinco fragmentos cerâmicos sem decoração, não identificados.

DISCUSSÃO

O padrão de assentamento verificado na Ilha Grande e em Arraial do Cabo apresenta pontos em comum e também elementos divergentes. Como traços compartilhados, observam-se: a presença de sítios localizados em morros e morrotes associados a sítios sobre duna; a proximidade com lagunas e mar aberto; a ênfase na pesca; a introdução tardia da coleta de moluscos e a exploração intensa de espécies malacológicas que, nos sítios que apresentam espessas camadas malacológicas, são coletados apenas como segunda opção.

O molusco mais coletado no sítio Ilhote do Leste foi a *Lucina pectinata* (Gmelin, 1791) (44%), bivalve que apresenta grande quantidade de carne e que,

provavelmente, teria sido um dos alimentos de maior previsibilidade; no entanto, o consumo de moluscos teve de ser complementado por *Iphigenia brasiliiana* (Lamarck, 1808) e *Tagelus plebeius* (Lighthfoot, 1788), bivalves de pequeno porte encontrados num canal que corre do lado do sítio. Já nos sítios de Arraial do Cabo, há o predomínio da *Astraea* sp., gastrópode coletado no costão que não apresenta grande quantidade de carne, seguido de *Taumasthus* sp. e *Megalobulimus* sp., gastrópodes terrestres pouco presentes em sítios litorâneos que apresentam espessas camadas malacológicas.

Em relação aos rituais funerários, existem também pontos convergentes nas ocupações da Ilha Grande e de Arraial do Cabo, tais como a presença de enterramentos associados a grandes blocos de pedra, a diversidade das posições e das orientações em que o morto era depositado; a presença de grande variedade de acompanhamentos funerários; o gesto de acender fogueiras com alimentos em volta do morto; e, em relação às ocupações nas dunas, o ato de colocar grande quantidade de ocre a ponto de tingir de vermelho a areia que circunda os membros superiores do indivíduo e a deposição do morto em covas.

Como pontos divergentes nos padrões de assentamentos das áreas estudadas, observa-se que na Ilha Grande as ocupações são mais compactas, enquanto em Arraial do Cabo são mais espalhadas; na Ilha Grande, a ocupação sobre morrote é mais intensa e nas dunas é muito menor, enquanto que em Arraial do Cabo ocorre o inverso, sendo mais intensa nas dunas; Arraial do Cabo apresenta sítios em grandes elevações, em locais acima de 50m, o que não ocorre na Ilha Grande. Arraial do Cabo apresenta clima seco com baixa precipitação anual, já a Ilha Grande apresenta alto índice pluviométrico. Na Ilha Grande, é muito alto o número de conjuntos de amoladores polidores fixos (42 conjuntos), enquanto que em Arraial do Cabo só existem três conjuntos.

Em relação às divergências presentes nos rituais funerários, em Arraial do Cabo não foram encontradas lâminas de machados associadas a enterramentos, fato recorrente na Ilha Grande.

No entanto, no tocante a pontos específicos, comparando-se a cultura material encontrada nos sítios Ilhote do Leste (Ilha Grande) e Ponta da Cabeça (Arraial do Cabo), chama a atenção, além da proximidade dos amoladores polidores fixos, a presença dos artefatos mais característicos da Ilha Grande no sítio Ponta da Cabeça, tais como as lâminas de machado e as pontas elaboradas a partir

de espinho de cocoroca.

As pontas elaboradas a partir de espinhos de cocoroca constituem o artefato de maior visibilidade do sítio Ilhote do Leste, com cerca de 90% das pontas localizadas nesse sítio, onde foram encontrados 2480 exemplares divididos em 10 tipos (TENÓRIO & PINTO, 2006). Em Arraial do Cabo, apenas no sítio Ponta da Cabeça, foram encontrados quatro exemplares deste artefato (TENÓRIO & PINTO, 2006).

Outra observação importante é que, a partir de algum momento próximo a 2830±50 anos AP, espécies malacológicas predominantes no sítio Ponta da Cabeça tais como, *Olivancilaria auricularia* (Lamarck, 1810) e a *Astraea* sp. passam a aparecer em pouca quantidade no sítio Ilhote do Leste. Além dos moluscos, dois artefatos característicos do sítio Ponta da Cabeça também foram percebidos no sítio Ilhote do Leste, como as quatro espátulas em osso que serviam com acompanhamento num enterramento e a presença de duas pontas elaboradas a partir de esporão de raia.

Além das similaridades pontuais apontadas, constata-se que as formas dos amoladores polidores fixos encontrados em Arraial do Cabo não diferem das encontradas na Ilha Grande (Fig.5).

CONCLUSÃO

Na discussão apresentada pode-se observar que evidências de contatos e trocas são difíceis de serem identificadas no estudo da cultura material, mas podem ser percebidas nos elementos destoantes e de ocorrência sutil (TENÓRIO, 2006a,b), os quais foram observados na abordagem dos pontos específicos.

Elementos destoantes são itens que se destacam na cultura material de cada sítio, seja por uma grande distorção quantitativa, seja por sua associação a rituais que evidenciam uma importância simbólica para o grupo. Assim sendo, considerando a distribuição de elementos destoantes nas duas áreas estudadas pode-se concluir que o fato de que tivessem sido encontradas quatro pontas elaboradas a partir de espinhos de cocoroca no sítio Ponta da Cabeça, elemento *destoante* no sítio Ilhote do Leste, associado ao fato de que artefatos *destoantes* do sítio Ponta da Cabeça tivessem sido também encontrados em pequena quantidade, no mesmo momento, no sítio Ilhote do Leste, pode ser interpretado como evidência da presença de contato e de transmissão tecnológica. A introdução no Ilhote

do Leste do consumo de novas espécies malacológicas, consumidas no Ponta da Cabeça, e a presença dos amoladores polidores fixos nas duas áreas estudadas também corroboram a hipótese. Embora se leve em consideração a diferença da amostragem, pois só foi escavada uma área de 1%

no sítio Ponta da Cabeça, enquanto foi escavada 15% da área total do sítio Ilhote do Leste, os dados apresentados constituem fortes indicadores de contato entre os ocupantes da Ilha Grande e de Arraial do Cabo em determinado momento de sua ocupação pré-colonial.



Fig.5- Sulcos encontrados na Praia de Massambaba (a) e em Lopes Mendes (b). (Fotos: Maria Cristina Tenório).

As semelhanças e divergências verificadas em Arraial do Cabo e na Ilha Grande indicam que estas áreas foram ocupadas por grupos que compartilhavam muitos traços culturais, mas que também apresentavam elementos diferenciadores regionais, conforme modelo proposto por TENÓRIO (2006b). Segundo este modelo, teria existido no litoral brasileiro uma *cultura sambaquiana* muito antiga formada por grupos marítimos, caracterizados por possuírem um profundo conhecimento de técnicas necessárias à exploração do meio aquático marinho. À essa *cultura* eram constantemente agregados novos costumes trazidos por grupos que alcançavam a costa, oriundos do interior. Apesar deste intenso contato, essa cultura não perdeu sua supremacia até a chegada dos ceramistas, pois detinha o conhecimento tecnológico necessário à exploração marítima e também porque possuía uma cosmologia bem estruturada, constantemente reforçada em rituais que envolviam contatos e trocas realizados em eventos com concentração de pessoas.

AGRADECIMENTOS

As pesquisas em Arraial do Cabo contaram com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e também fizeram parte das atividades de pós-doutorado desenvolvido no Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE/USP.

REFERÊNCIAS

- AMADOR, E., 1987/88. Geologia e Geomorfologia da Planície Costeira da Praia do Sul - Ilha Grande - Uma contribuição à elaboração do plano diretor da Reserva Biológica. **Anuário do Instituto de Geociências**, **11**:30-48.
- AMARAL, M.M.V., 1995. **As oficinas líticas de polimento da Ilha de Santa Catarina**. 330p. Dissertação de Mestrado em História. Curso de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.
- BECK, A., 1971. Os sambaquis do litoral de Laguna - SC. In: DUARTE, P. (Ed.). **O Homem Antigo na América**. São Paulo: USP, p.69-76.
- CALDERON, V., 1969. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, **10**:135-46.
- CALDERON, V., 1974. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do recôncavo e do sul da Bahia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, **26**:141-155.
- DIAS JR., O., 1959. Polidores de Cabo Frio. **Boletim de História**, **4-5**(I-II):15-20.
- FOSSARI, T.D., 1987. Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina. **Relatório FINEP**, **1**. Mimeografado.
- FOSSARI, T.D., 1988. Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina. **Relatório FINEP**, **2**. Mimeografado.
- FOSSARI, T.D., 1989. Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina. **Relatório FINEP**, **3**. Mimeografado.
- GASPAR, M.D. & TENÓRIO, M.C., 1990. Amoladores e polidores fixos do litoral brasileiro. **Revista do CEPA**, **17**(20):181-190
- GURGEL, A., 1992. Valorizando a cultura popular. **Municípios em Destaque - Arraial do Cabo - RJ**, Edição Especial de Aniversário, **46**:26-28.
- KNEIP, L.M. & OLIVEIRA, N.V., 2001. Amoladores e polidores líticos da Ilha de Marambaia. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, XI, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SAB, 2001.
- MAGNANINI, A., 1982. Notícias sobre três sítios arqueológicos de polimento de pedras no litoral da Ilha Grande. **Arquivos do Museu de História Natural**, **7**:429-430.
- MENEZES, L.F.; ARAUJO, D.S.D. & GOES, M.H.B., 1999. Marambaia: a última restinga carioca preservada. **Ciência Hoje**, **23**(136):28-37.
- ROHR, J.A., 1950. **Contribuição para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado. 120p.
- ROHR, J.A., 1959. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, I. A jazida da base aérea de Florianópolis. **Pesquisas**, **3**:199-266.
- ROHR, J.A., 1961. Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III - 1960. **Pesquisas**, **12**:1-18.
- ROHR, J.A., 1977. **O sítio arqueológico Pântano do Sul SC-F-10**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado. 114p.
- ROHR, J.A., 1984. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras Balneário de Camboriú. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, **16**(17):05-76.
- RUTHSHILLING, A.L. & SCHMITZ, P.I., 1990. O sambaqui da praia das Laranjeiras, Balneário de Camboriú, Litoral Catarinense. **Revista do CEPA**, **17**(20): 191-203.

- SCHIFFER, M., 1996. **Formation Process of the Archaeological Record**. Salt Lake City: University of Utah Press. 428p.
- SCHEEL-YBERT, R. 1998. **Stabilité de L'Écosystème sur le littoral sud-est du Brésil à L'Holocène Supérieur (5500-1400 ans BP)**. 520p. Tese de doutorado, Université Montpellier II, Sciences et Techniques du Languedoc. Montpellier, França.
- TENÓRIO, M.C., 1999. Os fabricantes de machado da Ilha Grande. In: TENÓRIO, M.C. (org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: EDUF RJ. p.233-246.
- TENÓRIO, M.C., 2003a. **O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente**. 600p. 2v. Tese de doutorado em História, Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- TENÓRIO, M.C., 2003b. Os amoladores polidores fixos. **Revista de Arqueologia**, 16:87-108.
- TENÓRIO, M.C., 2004. Identidade cultural e origem dos sambaquis. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 14:169-178.
- TENÓRIO, M.C.; GUIMARÃES, M. & PORTELLA, T., 1992. O sítio Ponta da Cabeça, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 6, 1991, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SAB/FURNAS, 1:279-291.
- TENÓRIO, M.C.; AFONSO, M C.; SAVI, D.C.; PINTO, D.C.; GONZALEZ, M.M B.; NAMI ,S.; ANGULO, R.J. & REIMER P.J., 2005. O sítio ou os sítios da Ilha de Cabo Frio: primeiros resultados. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 13, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Ed Oeste. CD-ROM.
- TENÓRIO, M.C. & PINTO, D.C., 2006. Identidade cultural, contato e sistemas de trocas percebidos através do estudo de pontas ósseas provenientes de sambaquis brasileiros. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF INTERNATIONAL COUNCIL OF ARCHAEOZOOLOGY 10, Cidade do México. **Abstracts...** 2006.
- TIBURTIUS, G. & BIGARELLA, I., 1953. Nota sobre os anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoara, Santa Catarina. **Revista do Museu Paulista** (Nova Série), 7:381-387.
- UCHÔA, D.P., 1978/79/80. Arcaico do litoral. In: SCHMITZ, P.; BARBOSA, A.S. & RIBEIRO, M. (Eds.). **Temas de Arqueologia Brasileira 3**. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Anuário de Divulgação Científica. p.15-32